

Filosofia Clandestina e a *De la Sagesse* de Pierre Charron

Clandestine philosophy and the De la Sagesse of Pierre Charron

Estéfano Luís de Sá Winter*

recebido: 01/2013

aprovado: 03/2013

Resumo: *A De la Sagesse de Pierre Charron foi muito influente durante o século XVII e terá centralidade na biblioteca dos libertinos, de tal modo que diversos autores deste movimento irão recolher argumentos da obra para combater a superstição religiosa e mesmo a crença em Deus. Argumentos tais como a contradição da religião para a razão, a defesa de uma moral autônoma que permite a felicidade sem auxílio da graça - superioridade da natureza humana enquanto humana -, e a exaltação dos espíritos fortes que colocam todas as coisas em dúvida, serão ideias muito presentes na literatura libertina e que se valerão da obra de Charron como principal fonte. O princípio da Sagesse de que cabe ao sábio julgar todas as coisas e a cisão operada na obra entre o domínio interior e exterior terão fortes impactos em sua posteridade, razões que farão com que alguns de seus leitores vejam na Sagesse um grande perigo e risco de impiedade. Nesse sentido, mostraremos como que os fundamentos da filosofia clandestina, que usa a razão para atacar a religião, se valem de argumentos charronianos para construir seu discurso. Pretendemos mostrar como que uma determinada leitura de Charron, leitura esta que inclusive distorce a sua intenção original, serve de fundamento para o pensamento filosófico irreligioso que surgirá no século das Luzes.*

Palavras-chaves: *Charron, Libertinagem erudita, Filosofia Clandestina.*

Abstract: *Pierre Charron's De La Sagesse was a very influential book during the seventeenth century, especially for the libertines, who reserved a prominent place for it in their library and used its arguments to fight the religious superstition and even the belief in God. Ideas such as the contradiction of the religion to the reason, the defense of an*

* Mestrando em Filosofia Moderna/UFMG
em@il: estefanowinter@gmail.com

autonomous morality which leads to happiness without the assistance of grace (superiority of the human nature as human), and the apology of the strong-spirits who cast doubt on everything, are conceptions, disseminated in the libertine literature, that find in the work of Charron its main source. In his work, the principle according to which the wise man should judge everything and the disjunction between the internal and the external reigns would strongly impact on the posterity - reasons why some of its readers would find in De La Sagesse a great risk of impiety. Considering that, this paper will show that the foundations of the clandestine philosophy, which uses reason to attack religion, in a great measure, draws on charronian arguments to construct its discourse. We intend to show how a certain reading of Charron - which by the way distorts his original intentions - has served as the basis for the irreligious philosophical thought of the Enlightenment century.

Keywords: Charron, Erudite libertinism, Clandestine Philosophy.

I. Introdução

Há cem anos atrás, um artigo de Gustave Lanson¹ propôs uma instigante reflexão sobre as origens das veementes críticas filosóficas que o século XVIII fez à religião. Esse artigo foi seminal para inaugurar o estudo de manuscritos clandestinos, cujo exame convenceu o intérprete de que não há uma mudança radical de conteúdo sobre o tema da irreligiosidade filosófica entre o início e final do século XVIII, mas sim uma nova tática adotada pelo discurso filosófico. Questionando se haveria antes de 1750 raízes filosóficas do pensamento irreligioso, Lanson concluiu que a incredulidade filosófica que surgirá de modo mais intenso e explícito após a segunda metade do século XVIII já estava presente em vários textos anteriores, difundidos entre uma aristocracia de homens eruditos por meio de manuscritos marginais, via de regra anônimos, com títulos dissimulados e encontrados em bibliotecas privadas. Esta literatura distante do grande público discutia, sobretudo, temas antirreligiosos ou mesmo promovia a defesa do deísmo se valendo de argumentos filosóficos presentes no contexto de então. Como argumenta Antony McKenna, a despeito de não podermos supor uma noção forte de evolução das ideias antirreligiosas, é bem provável que tenha existido certa continuidade dessa corrente de pensamento e que o século XVIII tenha se pautado em argumentos presentes

na filosofia do século XVII, existindo pontos de contatos entre as ideias de um século para outro (McKenna, 1996, p. 524). Ora, é nessa chave de leitura que pretendemos mostrar como que certos argumentos de Charron que se difundiram por causa da *libertinagem erudita*² no século XVII também se fazem presentes na filosofia clandestina do século XVIII, especialmente devido à semelhança do meio de difusão destas filosofias, que seu deu de modo secreto e voltada apenas para homens eruditos, e por causa da proximidade entre os seus conteúdos, a saber: o uso da razão filosófica para refutar os dogmas religiosos em nome da liberdade intelectual. Desse modo, ao realizarmos uma investigação de fontes veremos que alguns dos principais argumentos usados pelos libertinos derivam de sua leitura da obra de Pierre Charron (1541-1603) e tal fato indica que parte das questões que serão postas pela filosofia clandestina podem ter sua origem no pensamento charroniano. Por causa disto, acreditamos que seja possível estabelecer uma relação, mesmo que indireta, entre a principal obra de Charron e a filosofia clandestina do século XVIII, período em que a sua obra parou de ser reeditada com frequência, mas no qual possivelmente algumas das ideias *Sagesse* continuaram a ser difundidas. Esta abordagem nos permite supor que talvez a fortuna da *Sagesse* tenha tido uma duração maior do que o século XVII, como comumente é apontado pelos intérpretes de Charron. Nesse sentido, a centralidade que a obra terá na biblioteca libertina talvez tenha fomentado a sobrevivência de suas ideias durante o século XVIII, período no qual alguns argumentos da *libertinagem erudita* foram usados pela filosofia clandestina para atacar a religião³. Para apresentar esta conclusão, contudo, precisamos examinar primeiro como se deu a influência de Charron sobre os libertinos e em que medida parte de sua obra foi usada a favor da tese antirreligiosa.

II. A fortuna da *Sagesse* e a leitura libertina

Pierre Charron produziu quatro obras, mas sem sombra de dúvida nenhuma delas foi tão influente e polêmica quanto a *De la Sagesse* (1601 e 1604)⁴. A fortuna dessa obra foi muito grande em seu período e a difusão do livro foi tão intensa que superou a recepção imediata dos *Essais* de Michel de Montaigne (DESAN, 2008, p. 5), fazendo da obra um *best-seller* dos anos

20 a 30, período em que era reeditada praticamente anualmente (ADAM, 1991, p. 14). Apesar de terem sido em grande medida esquecidos pela história das ideias, o nome e legado intelectual de Charron foram um dos mais relevantes até meados do século XVII. Eruditos muito influentes do período, tais como: Saint Cyran, Descartes, François de La Mothe Le Vayer, Pascal, Gabriel Naudé, Gassendi, Mersenne, Pierre Bayle, leram a sua obra e travaram diálogos diretos ou indiretos com ela. Esse sucesso ocorreu principalmente por causa do propósito da *Sagesse* de defender um ideal de sabedoria puramente humano, desvinculado da graça divina. O propósito de Charron era expor regras para a excelência da condição humana enquanto tal, frágil e sujeita a diversos males, ou seja, ensinar como adotar uma conduta não dogmática na vida prática. Por causa das diversas influências recebidas do ceticismo, especialmente de Montaigne e dos acadêmicos de Cícero, a obra apresenta uma sabedoria que ensina a evitar o erro⁵, a suspender o juízo sobre a verdade das coisas, a buscar a moderação dos afetos e a seguir o verossímil. A sabedoria humana defendida por Charron sintetiza a composição íntegra do homem em sua ação exterior e em seus pensamentos, excelência que exige a conexão entre intenção e ação. Nas palavras do autor da *Sagesse*, a sabedoria humana é:

[...] uma retidão, bela e nobre composição do homem inteiro em seu interior, seu exterior, seus pensamentos, palavras, ações e todos os seus movimentos. É a excelência e perfeição do homem enquanto homem, isto quer dizer: segundo leva e exige a lei primeira fundamental e natural do homem. Da mesma forma que dizemos que uma obra é bem construída e de modo excelente quando ela é bem composta de todas suas peças e que todas as regras de ofício lhe foram aplicadas, dizemos que é homem sábio aquele que sabe bem e de forma excelente construir o homem. (*DS*⁶, *préface*, pp. 32-33)⁷.

Desse modo, o objetivo central da filosofia charroniana será o de tentar elaborar uma moralidade cujas raízes não sejam externas ao homem: “toca-se aqui no ponto central de todo o pensamento de Charron: a autonomia de uma moral, que seja produzida do homem, constitua este homem, em sua humanidade mesma e seja o princípio de sua ação” (MAGNARD, 1999, p. 95)⁸. Esta moralidade terá seu fundamento na liberdade intelectual do sábio, a quem cabe

julgar e examinar todas as coisas utilizando sua razão de modo cético para ficar livre das opiniões do vulgo, do dogmatismo da ciência, do império da paixão e especialmente da superstição. Charron aproxima essa liberdade de tudo julgar da argumentação acadêmica *utramque partem* e dá um caráter espontâneo e deliberado para a dúvida, afirmando que este método visa investigar o verossímil: “é que este julgar e examinar não é resolver, afirmar, determinar, mas buscar a verdade - pesando e balanceando as razões de todas as partes -, procurar o mais verossímil” (*PTS*, II, 4, p. 37). Nesse contexto, o principal elemento que irá caracterizar a racionalidade para Charron será a intencionalidade de duvidar, atitude de tudo julgar. Essa liberdade de tudo julgar será a inauguração da dúvida metódica, a qual servirá como um instrumento filosófico capaz de libertar a mente da falsidade e especialmente da opinião. Além disso, como apontado por Richard Popkin, esse uso charroniano da dúvida representa a sua tentativa de defender um modo de vida cético compatível com a fraqueza natural do homem:

Além de defender esse método de lidar com os problemas, o de tudo duvidar, Charron oferece uma *morale*, um modo de viver adequado a essa situação de sábia incerteza, a saber, viver de acordo com a natureza, seguindo desapaixonadamente as próprias inclinações naturais e os costumes. Aplicando o ‘método’ da inquirição sistemática e da dúvida, o homem se apresenta ‘*blanc, nud & prest*’ [...] (POPKIN, 1996, p. 12).

Por meio das regras da sabedoria humana o homem consegue remediar sua fraqueza, emendando seu natural, estabelecendo uma forma de alcançar a felicidade sem a necessidade da graça divina. Nesse contexto, Charron discutirá ao longo de toda a *Sagesse* que a sabedoria visa ensinar uma postura firme da alma diante de todos os males e perturbações: “a tranquilidade do espírito é o soberano bem do homem [...] é o fruto de todos nossos labores e estudos, o coroamento da sabedoria” (*DS*, II, 12, p. 539)⁹. Assim, a sabedoria envolve uma universalidade do espírito do sábio que não se liga (*espouser*) a nada, que nada afirma (*jurar*) e que não é perturbado por nada, qualidade esta que é similar “[...] mais ou menos e de algum modo a *ataraxia* dos pirrônicos e a neutralidade ou indiferença dos acadêmicos” (*DS*, II, 2, p. 410)¹⁰. Apoiada na lei natural

como critério de ação da vida prática do sábio, a *Sagesse* explicitará os meios de seguir esta lei, cuja legislação é sempre benéfica, e ensinará ao sábio a evitar as paixões de forma racional e a atingir a *ataraxia*. Nesse sentido, o projeto da *Sagesse* defende o estudo da filosofia como meio para corrigir e reformar a fraqueza do homem e atingir a sua excelência (*DS*, II, 3, pp. 430-431). Ora, essa cisão promovida entre a ação moral e a ação divina, visto que a graça não é necessária para a felicidade nesta vida, terá fortes impactos nos leitores de Charron. Pascal será um dos principais opositores desta posição, o qual verá nas palavras da *Sagesse* a afirmação da absoluta transcendência de Deus - transcendência essa que implica inclusive na inutilidade de Deus para a vida prática, na medida em que o próprio homem e por seus próprios esforços consegue ter uma vida feliz, situação que culmina em certo tipo de ateísmo. O risco implícito da *Sagesse* se torna claro, a saber: a proposta da sabedoria charroniana pode dar argumentos para refutar a religião, na medida em que é possível ser feliz neste mundo sem Deus¹¹.

Além disso, Charron vincula a atitude de tudo julgar a poucos homens, homens raros e de *espírito forte*. Nesse sentido, a *Sagesse* não é indicada para o vulgo que é guiado pela opinião, superstição e pelas paixões. A sabedoria humana não é popular e nem universal, mas sim rara e singular, atingível apenas pelos melhores homens que existem, a saber: *espíritos fortes*, homens modestos e que colocam todas as coisas em dúvida. Desse modo, há na *Sagesse* uma ordenação entre os tipos de espíritos no mundo, uma pirâmide com menos representantes na medida em que se chega ao topo, impedindo que um indivíduo inferior se coloque em um lugar mais alto e atinja a sabedoria (*DS*, I, 43). A sabedoria é exclusiva aos homens de *espírito forte* que após a investigação de toda a natureza humana e de suas capacidades constatarem que devem se afastar da opinião e das paixões e manter seu espírito universal, aberto e livre do império da falsidade (*DS*, II, 12, p. 540). Nesse contexto, a sabedoria é um *exercício moral* do espírito forte, constante treinamento e adestramento do natural do homem, que exige que ele siga preceitos práticos não dogmáticos em todas as esferas de sua vida. Assim, aquele que não tem uma disposição natural favorecida somente consegue atingir a sabedoria por meio desse laborioso estudo e exercício, enfrentamento constante de suas fraquezas e superação do dogmatismo e da presunção. Logo, a

sabedoria ao invés de ser uma ciência dogmática ou estudo especulativo desvinculado de uma finalidade prática é um aprendizado e esforço perene conduzido por aqueles que possuem a força de espírito adequada.

Outra importante posição de Charron, cuja fonte é Montaigne (*E*, I, 23), é a sua afirmação de que no seu interior o sábio julga as coisas de acordo com a razão universal, mas quanto ao exterior ele se comporta como um homem comum que segue a lei e cerimônia de seu país (*DS*, II, 2, pp. 393-394). No interior o sábio exerce seu ofício, julga todas as coisas e não dá seu assentimento a nenhuma delas. Assim, a esfera da interioridade é a única adequada para a suspensão do juízo e para a dúvida sobre todas as coisas, pois no exterior o sábio deve seguir a maioria, visto que mudar o costume gera mais tumulto do que bem (*DS*, II, 8, p. 499). Como prova deste fato, Charron aponta vários exemplos de costumes que são seguidos por determinados povos e que se examinados serão encontradas outras práticas melhores e mais úteis, mas mesmo assim o sábio pauta sua conduta exterior de acordo com estes costumes como se fossem os mais indicados, tal como: retirar seu chapéu diante de um superior e enterrar os mortos (*DS*, II, 2, pp. 394-396). Portanto, o sábio age no exterior de um modo e internamente tem ciência que poderia agir de outra forma bem melhor (*PTS*, II, 4, pp. 33-34). Ora, essa distinção entre interior e exterior impõe que aquilo que é aprovado e seguido no exterior em nada implica no assentimento interno do sábio quanto a sua verdade e falsidade. Nesse sentido, esta distinção entre interior e exterior é uma forma encontrada por Charron para mostrar, tal qual feito pelos acadêmicos, que seguir dada impressão não significa assentir a ela como verdadeira. Logo, a aprovação dada pelo sábio às leis e costumes não implica em seu assentimento e ele consegue manter a sua esfera interior íntegra e jamais sujeita a um princípio dogmático. Vemos que o papel da interioridade é fundamental para Charron e será na interioridade que ele fundará os princípios de sua moralidade. Não é no exterior que reside o fundamento da norma moral, mas sim no interior do homem, autofundada em si mesmo. Esse elemento é o que explica o fato de que contradição entre exterior e interior não tem efeitos negativos na *Sagesse*, pois o juízo moral do sábio se funda exclusivamente nas motivações interiores, já que na esfera exterior ele age de forma pirrônica aderindo às leis e costumes (GREGORY, 2000, p. 151). A interioridade do sábio é local da

integridade de seu juízo e essa integridade é mantida mesmo que ele siga o verossímil, pois o preceito de evitar o erro e não assentir às opiniões fica incólume adotando-se esta postura. A mola propulsora de uma ação virtuosa não deve ser o exterior, mas sim as motivações internas e enraizadas no próprio homem, originada de seu respeito à virtude enquanto virtude (*DS*, III, 19, p. 729).

Esses argumentos de Charron quando descontextualizados terão fortes tinturas antirreligiosas e serão bastante frequentes na interpretação que os libertinos fizeram de sua obra. Como mostra Isabelle Moreau, a leitura que os libertinos fizeram da obra de Charron é bastante interessante, pois eles sustentavam que ele era um autor que dissimulava suas ideias e por causa disto buscavam encontrar nas palavras da *Sagesse* um sentido secreto (*cachê*)¹², a verdadeira intenção que estava dissimulada (MOREAU, 2008, pp. 214-217). Nesse sentido, uma das principais contribuições de Charron para o movimento libertino será a sua ideia de uma desigualdade da capacidade dos espíritos, argumento que será recebido pelo contexto da libertinagem e que irá influenciar a construção da sua antropologia. Para os libertinos, apenas o *espírito forte* terá condições de se libertar dos grilhões da superstição, espírito que tem condição de colocar todas as coisas em dúvida, de modo similar ao sábio charroniano¹³. Outro ponto bastante relevante é a distinção entre interior e exterior e a afirmação de Charron de que as tradições, leis e costumes são seguidos pelo fato de serem aceitas pela maioria e não pela sua verdade. Essa afirmação levará o movimento libertino a valorizar sobremaneira a esfera da interioridade (razão) e mostrar que a religião cristã é uma convenção social, não tendo valor sobrenatural. Várias afirmações do próprio Charron serão utilizadas para reforçar esta tese, como, por exemplo, a argumentação sobre os ateus em sua obra apologética. Para Charron, os ateus sustentam que a religião é uma invenção dos reis e políticos para dominar o povo e que em última instância os reis não acreditam nas leis religiosas, mas apenas se valem delas por causa da sua utilidade (*LTV*, I, 4, p. 10). Ora, os libertinos irão descontextualizar essa frase e não será incomum encontrar essa afirmação charroniana em tratados da época como uma das provas de que a religião é mera convenção e não tem valor sobrenatural. A posição charroniana de que a verdade não pode ser encontrada no exterior e que cabe ao sábio julgar todas as coisas em seu

interior será radicalizada pelos libertinos, que irão questionar inclusive a verdade da religião cristã. Nesse sentido, argumentos da *Sagesse* servirão para mostrar que a religião é mera convenção e que por isto não tem um estatuto privilegiado, devendo ser examinada pela razão em todos seus fundamentos. Além disso, como mostra Jean-Pierre Cavaillé, a própria atitude libertina que ora se mostra mais explícita e antirreligiosa e que ora se mostra dissimulada, ficando restrita ao domínio secreto e dos amigos mais próximos, tem sua justificação na distinção de Charron entre a postura pública do sábio e a sua liberdade interior (CAVAILLÉ, 2006, p. 6). De tal modo que o uso da *Sagesse* pelos libertinos será bastante frequente, mesmo que não seja muito comum encontrarmos a menção explícita ao nome de Charron, e as suas obras de cunho religioso serão praticamente ignoradas neste processo. Nesse contexto, a libertinagem fará uma releitura da obra charroniana vinculando seus argumentos mais polêmicos a teses antirreligiosas, como por exemplo, a sua afirmação de que existem seres que possuem a virtude sem a piedade religiosa, caso dos ateus, e que tal fato é bem raro e exige que o espírito seja forte (*DS*, II, 5, pp. 462-463). Ora, o que Charron está afirmando indiretamente é que os ateus podem ser virtuosos, tema este que será muito relevante no contexto libertino, especialmente após a obra de Pierre Bayle. Mais do que isso, sua afirmação de que o ateísmo exige certa força de espírito será outro tema libertino bastante comum para mostrar como a religião é fruto da fraqueza do espírito, submissão do vulgo a falsidade. Um dos mais veementes críticos de Charron, François Garrasse irá afirmar que a *Sagesse* aproxima o cristão de um espírito fraco e de um animal que é guiado pelo preconceito, aderindo à fé apenas pelo hábito¹⁴. Mais um exemplo da influência de Charron é a defesa feita por ele de que a nudeza natural não é vergonhosa (*DS*, I, 6, p. 73), argumento esse que será usado por Charles Sorel em seu romance *Le Francion* e fará parte do contexto de argumentos do deísmo¹⁵ para mostrar que o prazer carnal foi dado ao homem por Deus e não é antinatural (CAVAILLÉ, 2006, p. 13).

Como se pode notar, a presença de Charron no contexto libertino é bastante relevante, mas tal presença ocorrerá principalmente por meio da distorção de seus argumentos. Uma das principais recomendações de Charron quanto à liberdade do sábio é de não levantar sua dúvida sobre os assuntos da religião, pois nesta matéria cabe ao homem crer e não examinar (*DS*, II,

2, p. 388). Nesse sentido, a liberdade do sábio deveria se restringir apenas ao âmbito moral e humano e não ao plano sobrenatural. Ora, o que se vê no caso dos libertinos é que este adágio é parcialmente ignorado e que a religião começa a ser examinada enquanto fenômeno social e não como manifestação da vontade de um ser sobrenatural. Logo, o uso dos argumentos charronianos pelos libertinos rompe com a separação que ele estabelece entre a ordem natural e sobrenatural, separação essa que é constitutiva do discurso da *Sagesse*. Essa mudança na intenção original de Charron será importante na medida em que irá ser o gérmen da ideia filosófica da incongruência entre fé e razão. Contudo essa oposição entre fé e razão que começa a nascer da leitura libertina da *Sagesse* não passará despercebida para autores como Mersenne, François Garasse e Pascal, que verão diversos perigos para a religião cristã nesta leitura da obra de Charron. Por um lado, Mersenne afirma que a obra de Charron está repleta de doutrinas ímpias e que suas afirmações valem de uma liberalidade de modo algum condizente com a sua posição de um padre da Igreja, de tal sorte que seus argumentos podem confundir a fé dos simplórios¹⁶. Por outro lado, François Garasse tecerá argumentos totalmente ácidos contra Charron, afirmando ele era um ignorante que por meio de uma retórica pernicioso poderia conduzir a juventude a um grande perigo e que a sua obra é um acúmulo de teses antirreligiosas¹⁷. Pascal, por sua vez, critica fortemente o conceito de sabedoria de Charron e a sua defesa de um modo de vida cético, mostrando que não é possível atingir a felicidade e o sumo bem sem a intervenção divina. Além disso, o próprio Charron defenderá sua obra contra a crítica de pelagianismo, na medida em que a sua defesa de uma natureza humana pura e inteira parece contradizer a doutrina do pecado original e a necessidade da graça para a salvação eterna (*PTS*, II, 9). Esse conjunto de argumentos dará ao legado da *Sagesse* uma dupla condição: de um lado o livro será tido por alguns libertinos como uma obra excelente e superior a muitas outras, por outro lado para os filósofos que defendem a religião cristã o livro será atacado com muita veemência por considerarem a obra uma ofensa à religião. Fato é que Charron não passou despercebido neste contexto e que seu legado influenciou grande parte dos argumentos irreligiosos do século XVII e possivelmente esta influência lançou raízes no século XVIII, tal qual podemos constatar a partir da presença de argumentos da *Sagesse* no polêmico texto clandestino *Traité des*

Trois Imposteurs. Ao realizarmos uma rápida análise desta obra, vemos que muitos argumentos de Charron que foram usados pelos libertinos para atacar a religião estão presentes nela e tal análise nos dá indícios concretos de que a filosofia clandestina teve sua construção influenciada, em certa medida, pela obra de Charron. Podemos pressupor que alguns dos argumentos que estão presentes no *corpus* clandestino derivam da evolução de ideias libertinas que remontam em sua última instância uma dada leitura da obra charroniana. Vejamos, então, de que modo se deu esta influência e como que ocorreu certa penetração das ideias libertinas no texto clandestino.

III. A presença de Charron no *Traité des Trois Imposteurs*

Provavelmente uma das passagens de Charron mais conhecidas pelo contexto libertino, e posteriormente resgatada na literatura libertina, foi a sua discussão sobre a superstição religiosa. O quinto capítulo do livro II da *Sagesse* foi citado por diversos eruditos do período e possivelmente é parte da obra que contém as afirmações mais polêmicas e de maior cunho antirreligioso, razão pela qual sua leitura deveria ser muito frequente. Uma das afirmações de Charron, de que as religiões são horríveis e contrárias ao senso comum, ficou tão conhecida que o fato de citar o seu nome quase que implicava em citar esta frase como a síntese de seu pensamento¹⁸. Contudo, como já esboçamos brevemente, essa afirmação representa uma determinada leitura da obra de Charron, leitura esta que reduz seus argumentos a finalidade de crítica da religião e que não corresponde a totalidade do seu pensamento. Ora, embora seja uma leitura reducionista ela terá uma grande importância para a difusão do papel da filosofia enquanto crítica à religião e será muito propagada em sua época de tal modo que achamos que ela influencia os libertinos que por sua vez servem como material para o *corpus* clandestino. Dentro deste cenário, vemos que no início do século XVIII surge um manuscrito clandestino que sofreu uma relativa influência dos argumentos charronianos, cuja autoria é bastante discutida pelos historiadores da filosofia, que se chama: A vida e o espírito de Baruch de Espinosa, o Tratado dos Três Impostores (*Traité des Trois Imposteurs*), obra muito influente no contexto da filosofia clandestina. Esta obra pretende discutir e mostrar que os principais líderes da religião cristã, Jesus, Moisés e Maomé na verdade são impostores e que

a religião cristã tem uma finalidade meramente política e não possui nada de sobrenatural. Esta obra é um importante texto sobre o tema da *impostura religiosa*, tema esse muito caro ao libertino Gabriel Naudé, grande admirador da *Sagesse*, o qual se valeu de diversos argumentos charronianos para mostrar que na verdade as religiões possuem apenas finalidades políticas. O tratado inicia-se com um forte tom charroniano, mostrando que todas as falsidades sobre a divindade derivam da opinião e segue afirmando que na verdade os apóstolos eram supersticiosos, não tendo nada de sobrenatural, que eram ignorantes e que estavam sujeitos aos mesmos vícios e paixões do homem comum (*Tr. Imp.*, I). Especialmente ao discutir o tema da diversidade das religiões encontramos a maior influência do texto da *Sagesse*, pois se vê que este capítulo da obra foi construído quase integralmente com as palavras do quinto capítulo do livro II da *Sagesse*. O que está em discussão nesta parte do tratado é o fato de que a diversidade de religiões existentes no mundo mostra que tudo foi deificado na face da terra, mesmo as coisas mais absurdas, e que as religiões são horríveis e estranhas ao senso comum, pois ou são construídas sob pilares baixos e vis ou são tão altas e milagrosas que parecem estar absolutamente fora da capacidade cognitiva do homem (*Tr. Imp.*, XIII). Ora, esta afirmação corresponde à constatação de Charron sobre a variedade das religiões, mas omite a sua posição de que a despeito destes fatos a religião cristã parece ser a melhor e a mais indicada (*DS*, II, 5, p. 448). Esta omissão revela bem como Charron foi recebido no contexto da filosofia clandestina, ou seja, do mesmo modo que os libertinos buscaram em sua obra aquilo que parecia contrário à religião cristã a filosofia clandestina também se vale da sua obra para fins antirreligiosos¹⁹. Mister destacar, como já apontando por Charles-Daubert, que o *Traité des Trois Imposteurs* mantém-se fiel ao espírito libertino, sendo um dos principais canais de propagação das luzes radicais²⁰ e que possivelmente a fama deste tratado, um dos mais influentes do período, permitiu a propagação das ideias de Charron para o contexto iluminista. Assim, podemos supor que ao falar das raízes da filosofia clandestina devemos discutir também a leitura libertina da *Sagesse*. É importante frisar, contudo, que o tratado aponta apenas uma das formas de difusão de Charron no iluminismo, pois como mostra Lorenzo Bianchi encontramos em meados do século XVIII uma importante análise da obra de Charron feita

pelo marquês de La Roche du Maine. Esta obra, conhecida como *Analyse raisonnée de la Sagesse de Charron*, visa atualizar a *Sagesse*, retirando da obra pontos polêmicos e omitindo suas afirmações mais perigosas do ponto de vista religioso, transformando o texto de Charron em uma espécie de tratado moral de filosofia prática, um manual que ensina a como exercer os deveres na vida privada e pública²¹. A despeito deste fato, podemos supor que a presença de Charron no contexto antirreligioso do século XVIII, especialmente por causa da transmissão de suas ideias presentes no *Traité des Trois Imposteurs* é um dado que não pode ser desconsiderado e que foi fundamental para manter o legado de sua obra vivo neste período.

Assim, a construção da filosofia clandestina está vinculada, em certa medida, a uma das formas de leitura libertina da obra da *Sagesse*. Mais um exemplo que reforça nossa intuição e que mostra como Charron se faz presente no *Traité des Trois Imposteurs* está relacionado à crítica a superstição. Na obra clandestina, vê-se que a crítica à superstição mostra que ela provém da ignorância e da fraqueza da alma e é comum especialmente em crianças e mulheres (*Tr. Imp.* XV). Ora, esta afirmação além de ser muita próxima do argumento de Charron presente na *Sagesse* (*DS*, II, 5, p. 455) compartilha de dois outros pontos comuns à leitura libertina da obra charroniana: (i) que a força de espírito se opõe a credulidade, logo o mais fraco de espírito é supersticioso e o forte de espírito é ateu; (ii) que os espíritos fracos são em sua essência mulheres e crianças, distinção de gênero presente na filosofia da *Sagesse* que afirma que o espírito forte pertence ao gênero masculino. Deve-se lembrar também que a sabedoria tem quatro principais inimigas e dentre elas está a superstição: “ela não permite nem que Deus nem que os homens vivam em paz: ela mostra Deus como melancólico, colérico, difícil de se conter, fácil de se irritar [...] Ora, este vício e doença é quase natural, todos temos alguma inclinação a ele”. (*DS*, II, 5, p. 454). Vemos que esta descrição é praticamente replicada no *Traité des Trois Imposteurs*, fato que mostra que a discussão promovida por Charron sobre a superstição foi usada e tida como relevante para a filosofia clandestina. Mais do que isso, provavelmente a forte influência desta tese na literatura libertina formará um fio condutor com a filosofia clandestina do século XVIII, fio esse que transmitirá para manuscritos da época diversos argumentos

charronianos. Mesmo sem se valer de modo expresso ao nome de Charron, o *Traité des Trois Imposteurs* dá continuidade em uma determinada forma de ler a obra charroniana. Da mesma forma que os libertinos, este tratado descontextualiza as afirmações da *Sagesse* de seu solo originário e as utiliza com uma finalidade antirreligiosa, semelhança que nos dá a impressão de que a leitura clandestina se vale da leitura libertina de Charron. O elitismo da *Sagesse* que considera o povo como uma turba inconstante, idiota, incapaz de julgar as coisas de acordo com a razão, detentor de uma sabedoria mundana contrária à verdadeira sabedoria humana, servirá de importante argumento para a filosofia clandestina mostrar como que as religiões recebidas por este povo não tem valor de verdade, haja vista que o vulgo é incapaz de julgar as coisas segundo a verdade. Portanto, parte das raízes da filosofia clandestina brotam da filosofia charroniana tal qual compreendida pelo movimento libertino, compreensão essa que é parcial, mas nem por isso de menor importância filosófica. O fato da literatura filosófica do século XVIII se voltar cada vez mais contra a religião é fruto de um processo de continuidade da história das ideias, processo histórico este que traça suas origens já em séculos anteriores, como no caso da recepção e transmissão do pensamento charroniano. Desse modo, os argumentos que circulavam entre homens eruditos da época em alguma medida são argumentos já apresentados por Charron e que evoluíram em cada nova recepção da sua obra. Assim, podemos afirmar que a *Sagesse* continuou, pelo menos como pano de fundo, sendo relevante para o contexto das ideias do século XVIII, especialmente quanto ao tema da crítica à religião.

Finalmente, gostaríamos de reforçar que a nossa compreensão atual deste contexto das ideias, já bastante reformulada devido às evoluções dos intérpretes, sem dúvida não teria sido possível sem o relevante trabalho intelectual de Lanson que desbravou um campo de investigação tão pouco explorado até então.

REFERÊNCIAS

A VIDA e o espírito de Baruch de Espinosa: Tratado dos Três Impostores. Trad. Regina Schopke. São Paulo: Martins Fontes, 2007. Autor anônimo.

- ADAM, Michel. *Études sur Pierre Charron*. Talence : Presses Universitaire de Bordeaux, 1991.
- BIANCHI, Lorenzo. Charron au XVIIIe siècle. In.: PAGANINI, Gianni; BENÍTEZ, Miguel; DYBIKOWSKI, James (Direction). *Scepticisme, Clandestinité et libre pensée*. Paris : Honoré Champion, 2002.
- CHARRON, Pierre. *De la sagesse*. Ed. Barbara de Negroni. Paris : Fayard, 1986.
- _____. *Œuvres*. Genève : Slatkine, v. 2, 1970.
- _____. *Pequeno tratado de sabedoria*. Trad. Maria Célia Veiga França. Apresentação e notas: José Raimundo Maia Neto. Belo Horizonte: Editoria da UFMG, 2006.
- CAVAILLÉ, Jean-Pierre. Pierre Charron, « disciple » de Montaigne et « patriarche des prétendus esprits forts ». *Les Dossiers du Grihl*, pp. 1-31, 2006.
- DAUBERT, Charles. *Le Traité des trois imposteurs et L'Esprit de Spinosa : Philosophie clandestine entre 1678 et 1768*. Oxford : Voltaire Foundation, 1999.
- DESAN, Philippe. Pierre Charron, théologien et philosophe. *Corpus, Revue de philosophie*, n. 55, pp 5-7, 2008.
- GARASSE, François. *La Doctrine curieuse des beaux esprits de ce temps, ou prétendus tels*. Paris, 1623.
- GREGORY, Tullio. *Genèse de la raison classique de Charron à Descartes*. Paris : PUF, 2000.
- LANSON, Gustave. Questions diverses sur l'histoire de l'esprit philosophique en France avant 1750. *Revue d'histoire littéraire de la France*, XIX, pp. 1-29, 1912.
- MAGNARD, Pierre. La vraie prud'homie, de Montaigne à Charron. In: DEMONET, Marie-Luce (cord.). *Montaigne et la question de l'homme*. Paris : PUF, pp. 85-101, 1999.
- MAIA NETO, José Raimundo. Charron's Academic Skeptical Wisdom. In: Gianni Paganini; José Maia Neto. (Org.). *Renaissance Scepticisms*. Dordrecht: Springer, pp. 213-227, 2009.
- MCKENNA, Antony. Les manuscrits philosophiques clandestins à l'âge classique: bilan et perspective de recherches. *XVII^e siècle*, 192, 1996, pp. 523-535.
- MERSENNE, Marin. *L'impie des deistes, athees et libertins de ce temps*. Stuttgart: F. Frommann: G. Holzboog, 1975.
- MONTAIGNE, Michel de. *Os ensaios*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- MOREAU, Isabelle. Charron dans la bibliothèque libertine. *Corpus, Revue de philosophie*, n. 55, pp 209-229, 2008.
- _____. Hiérarchie des esprits et esprit fort : le discours médical. *Les Dossiers du Grihl*, pp. 1-13, 2010.
- NAUDE, Gabriel. *Considérations politiques sur les coups d'Etat*. Paris: Louis Marin, 1989.
- PINTARD, René. *Le libertinage érudit dans la première moitié du XVII^e siècle*. Nouv. ed. Geneve ; Paris : Slatkine, 1983.
- POPKIN, Richard Henry. Charron e Descartes: os frutos da dúvida sistemática. In: POPKIN, Richard Henry. *Ceticismo*. Emilio M. Eigenheer (Org.). Rio de Janeiro, Editora UFF, pp. 11-17, 1996.
- WOOTTON, David. *Paolo Sarpi: Between Renaissance and Enlightenment*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

NOTAS

¹ Cf. LANSON, 1912.

² Para o conceito de libertinagem erudita, cf. PINTARD, 1983.

³ Tal aproximação entre a filosofia libertina e clandestina não visa desconstruir as distinções e especificidades de cada um desses movimentos intelectuais. O principal ponto de distinção entre esses dois movimentos reside no fato de que a literatura clandestina circulou especialmente por meio de manuscritos, promovendo ideias irreligiosas no século XVI-XVIII, de modo que a sua especificidade está relacionada a um *corpus* delimitado de textos. Ora, a despeito disto, a filosofia clandestina tem muitos temas em comum com a filosofia libertina e nos parece que ao examinarmos o caso da difusão das ideias de Charron constatamos que a leitura libertina da *Sagesse* pode ter influenciado na irradiação das ideias desta obra para o *corpus* clandestino.

⁴ Sobre a polêmica da recepção da *Sagesse* há uma grande literatura. Sugerimos para o assunto duas referências: cf. GREGORY, 2000; cf. ADAM, 1991.

⁵ Maia Neto mostra como que a figura normativa do sábio, cuja meta principal é evitar o erro, corresponde a uma posição acadêmica e afirma que para Charron “given that man cannot achieve the truth, the point of wisdom becomes to avoid the error” (MAIA NETO, 2009, p. 218).

⁶ Siglas usadas neste artigo: Tr. Imp. = Tratado dos Três Impostores / E = Les Essais / DS = De La Sagesse / LTV = Les Trois Veritez / PTS = Petit Traité de Sagesse.

⁷ « [...] une droiture, belle et noble composition de l’homme entier, en son dedans, son dehors, ses pensées, paroles, actions et toutes ses mouvements, c’est l’excellence et perfection de l’homme comme homme, c’est à dire selon que porte et requiert la loy premiere fondamentale et naturelle de l’homme, ainsi que nous disons un ouvrage bien fait et excellent, quand il est bien complet de toutes ses pieces, et que toutes les regles de l’art y ont esté gardées : celuy est homme sage qui sçait bien et excellemment faire l’homme [...] ». [tradução livre].

⁸ « On touche ici au point central de toute la pensée de Charron: l’autonomie d’une morale, qui soit le fait de l’homme, constitue cet homme, en son humanité même, en principe de son action ». [tradução livre].

⁹ « La tranquillité d’esprit est le souverain bien de l’homme [...] c’est le fruit de tous nos labeurs et estudes, la couronne de sagesse » [tradução livre].

¹⁰ « [...] peu pres et en quelque sens l’Ataraxie des Phyrhoniens, la neutralité et indifference des Academiciens [...] » [tradução livre].

¹¹ Os libertinos serão muito atentos a esta conclusão e grande parte de sua crítica à religião está fundamentada, a nosso ver, nesta tese charroniana. Na medida em que a religião não é necessária para vida prática ela pode ser colocada em dúvida. Esta será uma das lições mais importantes da *Sagesse*: é possível ser virtuoso sem ser crente em Deus. Parece-nos, portanto, que esta lição é condição de possibilidade de crítica veemente dos libertinos à religião.

¹² Este é o caso, por exemplo, da leitura de Gabriel Naudé: « Charron sans faire semblant de rien en propose 4 ou 5 dans son livre de la *sagesse*, mais brièvement, à la *dérobée*, et faisant comme les Scythes qui décochent leurs

meilleurs flèches lorsqu'ils semblent fuir le plus fort » (NAUDÉ, 1989, p. 110).

¹³ Outra importante influência de Charron é a afirmação de que o espírito forte é representando pelo gênero masculino, tema este que será recorrente no período: cf. MOREAU, 2010.

¹⁴ Cf. GARASSE, 1623.

¹⁵ Outro exemplo do uso de Charron para defender o deísmo é o caso do Paolo Sarpi: cf. WOOTTON, 2004.

¹⁶ Cf. MERSENNE, 1975.

¹⁷ Cf. CAVAILLÉ, 2006.

¹⁸ Uma obra do final do século XVIII de Sylvan Marechal, conhecida como *Dictionnaire des Athées*, cataloga diversas afirmações filosóficas tidas como posições ateístas. Dentre elas, essa frase de Charron está presente.

¹⁹ Essa similitude indica que talvez alguns autores clandestinos estivessem se valendo dos libertinos enquanto fonte.

²⁰ Cf. DAUBERT, 1999.

²¹ Cf. BIANCHI, 2002.